

OS RESTOS DE UM MUSEU QUE NÃO “MORREU”: O CASO DO MUSEU MUNICIPAL GECY FONSECA, BELA VISTA DO PARAÍSO/PR

Leilane Patricia de Lima, Pós-doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. E-mail: leilaneplima@gmail.com
João Davi Avelar Pires, Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: joaodavi_ap@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta os esforços iniciais promovidos na cidade de Bela Vista do Paraíso, no estado do Paraná, na recuperação do acervo museológico deste município. Ainda, apresenta breves reflexões sobre a função social do Museu, indicando algumas de suas especificidades, nos casos de instituições municipais. Finalmente, descreve as atividades realizadas em parceria com a comunidade local, inspiradas nas discussões de Educação Patrimonial.

Palavras-Chave: Bela Vista do Paraíso. Museu Municipal. Acervo Museológico. Educação Patrimonial.

Abstract

This article presents the initial efforts made in the town of Bela Vista do Paraiso, state of Paraná, in the recovery of the museum collection this municipality. It also presents brief reflections on the social function of the museum, showing some of its specificities, in the case of municipal institutions. Finally, it describes the activities carried out in partnership with the local community, inspired by the Heritage Education discussions.

Keywords: Bela Vista do Paraiso. Municipal Museum. Museology Collection. Heritage Education.

Introdução

As ideias iniciais desta reflexão surgiram quando nos deparamos com um desafio: evitar a perda total do acervo histórico de Bela Vista do Paraíso, município localizado no norte do estado do Paraná. A descoberta de que este acervo corria risco ocorreu no âmbito da pesquisa de pós-doutoramento de um dos autores deste artigo, uma vez que o Museu Municipal Gecy Fonseca seria objeto de visita técnica deste estudo.

Informações históricas sobre a instituição indicavam que suas atividades iniciaram-se no ano de 2005. Este museu estava localizado em um prédio construído na década de 1960 e que, desde então, funcionava como teatro. O Teatro Municipal Geraldo Moreira foi palco de espetáculos e eventos culturais diversos, acessíveis à comunidade. Sua construção foi resultado de uma iniciativa conjunta entre a Prefeitura Municipal e o Teatro Bela Vista de Comédia (TBVC), um grupo de teatro amador, composto por moradores da cidade, que buscavam um local fixo para suas apresentações (PIRES, 2012). Em 1962, o edifício foi concluído e inaugurado com uma apresentação do TBVC, com o espetáculo “O Alto da Compadecida”, de Ariano Suassuna.

A estrutura do prédio dividia-se em três alas. Na área central e maior delas, funcionava o teatro, nas duas outras alas menores, situadas nos dois lados da área de espetáculos, estavam o Museu e a Biblioteca Pública Municipal (Imagens 1 e 2).

Segundo a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e o Guia Brasileiro de Museus de 2011, o Museu Municipal Gecy Fonseca estava ativo, com endereço, telefones, e-mails de contato etc. Seu acervo era composto por objetos relacionados à Arqueologia, Ciência e Tecnologia, História, Imagem e Som. Em particular, destacavam-se as fotografias e os documentos escritos, que narravam parte da história da cidade.

Cabe dizer que o museu era frequentemente visitado pelas escolas do município, seja para pesquisas escolares ou até mesmo para aulas que tinham como ponto de partida o acervo ali apresentado. Também muitas pessoas que moraram na cidade e retornaram para visitá-la, frequentaram o museu, pois reconheciam a si mesmos e sua história familiar naquele espaço.

Entretanto, ao entrar em contato com os funcionários da Divisão de Cultura para agendar a visita técnica à instituição, foi possível perceber certo estranhamento das pessoas quando questionadas a respeito do Museu. Quatro servidores

municipais não sabiam ao certo onde era e qual a situação desta instituição. Um deles comentou sobre um desabamento do telhado onde estavam localizados o teatro, a biblioteca e o museu, mas também não soube dizer mais a respeito.

Diante deste cenário, foi solicitada ajuda a um professor de História do município (coautor deste artigo). Com seu auxílio foi possível confirmar que as três instituições culturais (teatro, biblioteca e museu) foram desativadas depois da queda do telhado do prédio que as abrigava, em 2009. Em 2015, todas as entradas e acessos ao interior das três alas foram lacrados. Mas ainda restava responder a uma pergunta: onde estava o acervo da instituição?

Depois de entrevistar um antigo funcionário do Museu, descobrimos que o acervo museológico estava guardado em uma das salas do Centro de Convivência de Idosos do município. Tentamos o acesso às peças, porém, fomos avisados pelo presidente da Câmara Municipal que seria necessário uma autorização. Ainda, nos foi sugerido que evitássemos ir por conta própria ao local porque rixas políticas poderiam inviabilizar a reativação da instituição. Como esta autorização nunca foi dada, tentamos o contato direto com a secretária municipal de Cultura, que não somente permitiu o acesso ao acervo, mas também nos acompanhou durante nossa visita.



Imagem 1 - Prédio do Teatro, Biblioteca e Museu Municipal de Bela Vista do Paraíso/ Foto: Leilane Lima



Imagem 2 - Espaço do antigo Museu Municipal de Bela Vista do Paraíso/ Foto: João Davi Avelar Pires

Os restos de um museu...

Havia muita expectativa em conhecer o acervo do Museu Municipal. Particularmente, gostaríamos de verificar as condições das peças e identificar a tipologia dos objetos. Entretanto, fomos surpreendidos negativamente. Ao chegar ao local onde o acervo havia sido depositado, encontramos um aglomerado de objetos amontoados e misturados em meio a documentos históricos, insetos, venenos, sujeira, cacos de vidro e tudo o mais que se acumula em um local abandonado há muito tempo (Imagem 3). Não havia as mínimas condições de transitar pelo espaço sujo, apertado e úmido.

Foi possível notar que o acervo do município era composto por objetos históricos de uso doméstico e cotidiano, ferramentas agrícolas, vestimentas etc., e também por fotos, jornais, algumas pequenas coleções (caixas de fósforo, lápis, discos etc.) e “curiosidades” (crânio de cervídeo, rochas de Corinto entre outros).

Em conversa com a secretária municipal de Cultura, descobrimos que somente um terço do acervo resistia naquele local. O restante havia se perdido durante a desativação da instituição. Mas, o que fazer diante desta situação? Para responder a este questionamento, cabem algumas reflexões sucintas sobre o que é e pode ser o Museu.

Em termos teóricos, o museu é o cenário institucionalizado do patrimônio. Ali se pesquisa, preserva e comunica o patrimônio cultural musealizado, tanto material quanto imaterial. É um dos lugares de memória (NORA, 1993), que tem poder comunicacional, pois formula e comunica sentidos patrimoniais, através da exposição e de ações de educação principalmente (CURY, 2004). É, sobretudo no museu, que ocorre o fato museal, a relação profunda entre homem e objeto (GUARNIERI, 1990).

Em termos práticos, o museu é um sistema que opera a partir de diferentes setores. Para tal sistema funcionar plenamente é necessário o desenvolvimento de atividades ligadas à administração e às ações técnico-científicas, especialmente aquelas relacionadas à avaliação e ao processo curatorial (CURY, 2009).

Para além de suas funções técnico-científicas, cabe pensar o Museu como instituição que deveria compreender o sentido social mais amplo da preservação de bens culturais. Tal sentido aponta para a valorização da diversidade cultural, a problematização das diferenças, a experimentação do público em todo o processo

museológico, o diálogo com as políticas públicas culturais e educacionais (LIMA; FRANCISCO, 2013). Ainda, aponta para o potencial educacional, turístico e econômico destas instituições e a importância de comprometimento com as práticas de inclusão social e acessibilidade, aplicadas não somente para as pessoas com necessidades especiais ou mobilizada reduzida, mas também de maneira a contemplar todo o público e não público (FABBRI, 2011).

Assim, o Museu, como espaço institucional de memórias e preservação do patrimônio cultural, pode ser local de muitas potencialidades e sua desativação dentro de um município pode indicar uma cidade carente destas discussões no âmbito cultural.

Mas também não devemos nos esquecer de que o Museu tem suas contradições, especialmente encontradas em instituições cuja natureza administrativa é municipal. Em geral, os museus de pequeno e médio porte são ricos no acervo que abrigam, mas pobres em relação ao orçamento e às condições com que trabalham (BLOISE, 2011). Faltam-lhes recursos financeiros e humanos, colaboradores especializados, planejamento institucional, gestão continuada, políticas públicas e legislações eficazes.

Tudo isso pode colaborar para que, mesmo localizados dentro de contextos urbanos, haja um distanciamento entre os cidadãos locais e a instituição (BLOISE, 2011). Ainda, fica evidente, em alguns casos, certa fragilidade e, até mesmo, “invisibilidade” ou deslocamento dentro do município, o que pode incorrer em conservação precária do acervo, falta de representatividade e legitimidade, propostas comunicacionais inadequadas etc. (FABBRI, 2011, p. 54).

Conscientes disso, sabemos que não foi apenas o “telhado que caiu” o motivo pelo qual o Museu Municipal Gecy Fonseca encontrava-se desativado. Provavelmente, o fechamento e o desconhecimento de alguns moradores locais a respeito disso foi resultado de muitas sensibilidades que acometem as instituições culturais de pequeno porte. Nesse sentido, as discontinuidades na gestão municipal, no investimento de recursos humanos e financeiros e no planejamento institucional contribuíram para seu desmantelamento certamente (ÁVILA, 2014).

Mas o Museu não “morreu”

Diante da frágil situação em que se encontrava o acervo municipal de Bela Vista do Paraíso, era preciso tomar uma providência. Contatamos o Museu Histórico de Londrina e pedimos o apoio para a recuperação deste acervo. Em conversa entre representantes do Museu de Londrina, professores, funcionários e moradores locais, a solução encontrada foi uma intervenção coletiva, que permitisse a organização e adequação do espaço, a higienização das peças e documentos e acondicionamento adequado, enquanto aguardamos a reativação do Museu.

Para envolver estes diferentes sujeitos no processo de recuperação do acervo municipal, nos orientamos pelas discussões da Educação Patrimonial. A esse respeito, compreendemos este campo de conhecimento como:

Todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações com o objetivo de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação. Os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem diversas noções de patrimônio cultural (KROHN et al., 2012, p. 5).

Inspirados por esta reflexão, buscamos a solução dentro da própria comunidade. Nesse sentido, a falta de recursos financeiros está sendo suprida a partir de doações de moradores e instituições locais. A necessidade de especialistas foi suprida pela cessão de um técnico do Museu Histórico de Londrina que instrui e acompanha todo o processo. A ausência de recursos humanos foi preenchida por professores e alunos voluntários da rede de ensino pública e particular do município.

Foram envolvidos diretores, professores e alunos dos Colégios Estaduais Jayme Canet e Brasília de Araújo e do Sagrado Coração, da rede particular. Contamos com a participação de quatro estudantes de cada escola, doze ao todo, que realizam as atividades na primeira escola, no período vespertino, sob a supervisão de professores e acompanhamento do técnico do Museu Histórico de Londrina.

As atividades se iniciaram em dezembro de 2015, numa parceria entre a Divisão Municipal de Cultura, a Universidade Estadual de Londrina e o Museu Histórico de Londrina. Os trabalhos de higienização e armazenamento adequado do

acervo foram vinculados ao projeto de extensão universitária “Contaçon de Histórias do Norte do Paraná”. Todos os participantes serão certificados pelos serviços prestados ao museu.

Num primeiro momento, todo o acervo foi organizado em lotes de acordo com o tipo de objeto e matéria-prima. Como o acervo documental encontrava-se em situação mais crítica de conservação, começamos os procedimentos por ele. A maioria das fotografias, jornais, recortes e publicações estavam dentro de pastas catálogos, coladas em papel sulfite, amarelado pelo tempo. Somado a isso, a umidade do ambiente também colaborava para a degradação.

Estes documentos foram retirados das pastas, higienizados, enumerados e acondicionados em pastas poliondas, separados por papel sulfite, respeitando-se seus respectivos conteúdos. Todos os documentos foram fotografados, de todos os lados e páginas, e armazenados digitalmente, preservando-se a mesma numeração e identificação do armazenamento físico (Imagem 4).

Até agora, concluímos a etapa de organização e separação dos objetos por tipo e matéria-prima. Em 2016, esperamos finalizar o tratamento adequado de toda a documentação histórica e de todo o conjunto de objetos pertencentes ao Museu. Enquanto isso, a Divisão de Cultura tem demonstrado esforço em reativar a instituição ou, pelo menos, seu espaço expositivo e reserva técnica.

De fato, embora todas as fragilidades e percalços, o Museu Municipal Gecy Fonseca não “morreu”. Ele está vivo e encontra-se nas iniciativas da própria comunidade que já reconhece que, quando tratamos do patrimônio cultural local, estamos nos referindo à pluralidade, ao diálogo, a processos democráticos mais horizontais e participativos, onde não há delimitações físicas para que tais ações ocorram. Nesse contexto, a escola e seus alunos cumprem papel fundamental.



Imagem 3 – Situação do acervo museológico no Centro de Convivência de Idosos/ Foto: João Davi Avelar Pires



Imagem 4 – Estudantes voluntários da rede pública e privada trabalhando na recuperação do acervo documental/ Foto: João Davi Avelar Pires

Referências Bibliográficas

BLOISE, Ana Silvia. O desafio da gestão dos pequenos museus. In: SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO. **Museus: o que são, para que servem?**. 1. ed. São Paulo: Brodowski, 2011, p. 43-49. Disponível em:

<http://www.sisemsp.org.br/images/Publicacoes/Museus_o_que_sao_para_que_servem.pdf>. Acesso: jan. 2016.

CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. **Museu e museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

_____. Os usos que o público faz dos museus: a (re)significação da cultura material e do museu. **MUSAS** – Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 87-106, 2004.

FABBRI, Angélica. Museus: o que são? para que servem? In: SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO. **Museus: o que são, para que servem?**. 1. ed. São Paulo: Brodowski, 2011. Disponível em:

<http://www.sisemsp.org.br/images/Publicacoes/Museus_o_que_sao_para_que_servem.pdf>. Acesso em: jan. 2016.

GUARNIERI, Waldisa Russio. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.

KROHN, Ellen C. Ribeiro; CAVALCANTE, Ivana Pacheco; BEZERRA, Juliana Izete Muniz; SILVA, Juliana Souza; MEDEIROS, Maria da Glória; CLEROT, Pedro Gustavo Morgado; FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação patrimonial: programa mais educação**. Brasília: IPHAN (Ceduc) /MEC, 2012. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3838>>. Acesso em: jan. 2016.

LIMA, Leilane P. **A Arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de público em Londrina-PR**. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia)–Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 2014.

LIMA, Leilane P.; FRANCISCO, Gilberto da Silva. Exposição, comunicação e alteridade. In: LIMA, Ângela Maria de Sousa et al. (Orgs.). **Diálogos entre as licenciaturas e a educação básica: aproximações e desafios**. Londrina: UEL, 2013, p. 91-104.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PIRES, Ângela Alvim. **História e memória: teatro municipal Geraldo Moreira (1962-2012)**. 2012. 87 f. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)–UEL, Londrina, 2012.